Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI • nº 241 • Uberaba/MG • de 7 a 13 de abril de 2003

O mundo em 64 casas

Educador luta pela popularização do xadrez em Uberaba

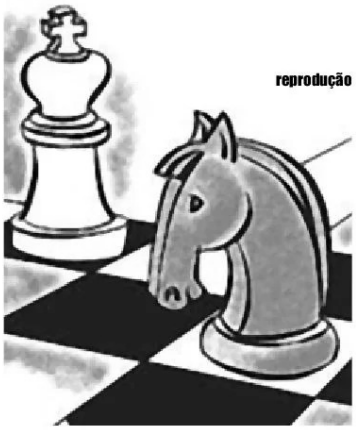
págs. 6 e 7

Casa do Artesão expõe produção artística da cidade pág. 3

issuu-downloader.com

Editorial

O mundo em 64 casas



reprodução

O **Revelação** desta semana tem o mesmo compromisso de sempre com o seu leitor: inquietá-lo. Desta vez, trazendo um pouco da história de um uberabense revolucionário que, há mais de vinte anos, dedica sua vida à democratização do xadrez. Se o leitor, ao final, questionar se um jogo pode ser mais do que um jogo, um esporte significar mais do que um esporte, e o universo do xadrez constituir mais do que o simples movimento físico das peças - assim como o futebol envolve muito mais elementos do que somente os jogadores, o juiz e a bola - nossa meta terá sido alcançada.

A trajetória do uberabense Francisco José dos Santos Neto, o Xico Xadrez, deixa um risco que, por vezes, atordoa: ao mesmo tempo, perpassa a poesia, o jornalismo e a literatura, o humanismo, a educação, a política e a arte. Montaigne devia saber o que dizia quando afirmou que o xadrez não poderia ser arte por ter muito de ciência, e também não poderia ser ciência por ter muito de arte. Para os corações revolucionários, tudo é passível de revoluções.

Uberabense revolucionário há mais de vinte anos, dedica sua vida à democratização do xadrez

Nos tempos de guerra, como o que vivemos agora, pululam por todos os cantos as comparações do xadrez com a guerra; as estratégias militares e a "ginástica da inteligência", como dizia Goeth. As semelhanças são grandes mas, como verá o leitor, as diferenças são maiores. Afinal, um deles educa e edifica, o outro humilha e mata. Um significa liberdade, o outro é a escravidão.

Carta do leitor

Sou aluna do 5º período do curso de direito multiperiódico e gostaria de expressar minha admiração pelas matérias que a aluna do 5º período de jornalismo - Andréia Ribeiro - publicou: "Unitecne assina contratos com empresas incubadas" e "Curso incentiva perfil empreendedor". Gostei muito da forma esclarecedora como a mensagem foi transmitida, tornando, desta forma, a leitura muito agradável.

Continue assim!!!

Juliana de Pádua Borges

Para refletir

"Se o homem não sabe a que porto se dirige, nenhum vento lhe será favorável"
(Sêneca)

OMBUDSMAN

Modernidade pedagógica: avanço ou atraso?

Newton Luís Mamede

Uma das expressões mais odiadas, num debate ou numa disputa entre as diferentes gerações, é *no meu tempo*, expressão proferida, evidentemente, pelo grupo mais velho dos *litigantes*. Ou a equivalente e um pouco mais dispersa, de sentido vago, *antigamente*. Ambas são expressões evocadas com o propósito de comparar dois momentos, duas situações, duas condutas, duas posturas, duas épocas enfim, e, nessa comparação, depreciar os *tempos modernos* e exaltar o tempo antigo, definido com muita propriedade como o indefectível *no meu tempo*.

Os mais jovens sentem-se ofendidos ou até agredidos pelos mais velhos, nesse duelo. Em qualquer tópico ou assunto entre as diferente épocas, o *antigo* é lembrado como o melhor. No futebol, nas marchinhas de carnaval, nos bailes (os nostálgicos *bailes da saudade*), e, o que interessa realmente aqui, no **estudo**. Não vamos ater-nos aos outros tópicos. Consideremos apenas o estudo.

Se o professor *de hoje* era o aluno *do seu tempo*, então ele sabe, muito bem, como resolver o problema...

É unânime a afirmação de que a "modernidade do ensino" piorou sua qualidade. Antes de concluirmos se é real ou não a veracidade dessa afirmação, vamos antecipar sua incongruência ou, mesmo, incoerência. Se a técnica avançou, se as diversas descobertas e os diversos resultados da pesquisa científica contribuíram para melhorar as condições de vida do homem, se o progresso está aí, acontecendo diariamente, como se pode afirmar que o estudo piorou, se todos esses *melhoramentos* citados resultam de estudo? Como entender que o ensino moderno piorou, se os seus resultados melhoraram? É uma questão, de fato, paradoxal.

Talvez se pretenda afirmar que alguns setores do ensino pioraram, com os avanços pedagógicos. Em especial, o ensino fundamental e o médio. E muitos chegam a comparar, também, as diferentes épocas, ou *eras*, do ensino universitário. E o centro, o cerne, o núcleo, o "pomo" dessa discórdia é o aluno. Ou melhor, o nível atual de conhecimento dos alunos, em cada série escolar nas diferentes épocas. Fazem-se até comparações entre dados concretos: um aluno de sexta série, hoje, sabe muito menos do que um, da mesma série ou de série equivalente noutra nomenclatura, da década, digamos, de 1970. E, já naquela década, seu ensino era comparado com o da década de 1960, e assim por diante, mas em sentido retroativo..., sempre com o tema da melhor qualidade do "mais antigo".

Ora, se existe a discussão, se existem os debates, se existem as discordâncias e desavenças entre pontos-de-vista e entre situações, ou entre épocas, a respeito das diferentes qualidades do ensino, é porque os fatos sugerem ou propiciam esses "opostos". E, se isso existe, urge uma análise e um estudo da situação, para a necessária "retífica", para o necessário ajuste, para a indispensável adequação à coerência entre ensino e modernidade, entre estudo e progresso.

Dizer que o ensino moderno piorou, ou, mais, constatar isso é um paradoxo sem tamanho. E, na universidade, se se afirma e se constata essa realidade, a incongruência é muito mais grave. Ter de ouvir que os universitários de hoje sabem menos que os de "antigamente", ou os "do meu tempo", é um incômodo arranhão, um doloridíssimo ferimento na ação da escola, no trabalho e na atuação da universidade. É urgente que os professores e educadores dos seus respectivos *tempos* consertem, então, esse *defeito* e resgatem, ou recuperem o nível "antigo" do ensino e o adaptem aos tempos atuais. Se o professor *de hoje* era o aluno *do seu tempo*, então ele sabe, muito bem, como resolver o problema...

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Cultura

Casa do Artesão revela riqueza do artesanato uberabense

Espaço abriga exposições, venda de obras e cursos de artes manuais

captura de tela / imagens de Fernando Queiroz

Cícera Gonçalves
7º período de Jornalismo

Réplicas do prédio da Prefeitura e Câmara Municipal , patrimônio cultural de Uberaba, produzida pelo artista Eduardo Araújo

A Casa do Artesão é um ponto de exposições, divulgação e venda de artesanato de artistas uberabenses. Fundada em 1985, por um grupo de mulheres artesãs que se uniram para divulgar os próprios trabalhos, a casa passou a ser referência não apenas para os artistas, mas também como local para encontrar objetos de arte por preços bem acessíveis. Desta união, surgiu a Associação Uberabense de Artesãos e Artistas, que conta com 81 associados atualmente.

Como essas mulheres não tinham um lugar específico para por as peças confeccionadas, que muitas vezes ficavam amontoadas nos quartos ou dispensas, a Casa do Artesão surgiu como solução para o problema, explica, Maria Aparecida Borges, presidente da associação. Além de promover exposições, a casa oferece cursos de aquarela, giz, crochê, tear, pintura na madeira, tecido, entre outros. "Muitos que expõem seus trabalhos aqui na casa, vivem exclusivamente do artesanato", diz a tesoureira, Ingrid Setz.

A artesã Sandra Maria Faria, que começou a fazer artesanato aos doze anos, trabalha produzindo brincos, colares e bolsas e hoje ela agradece: "a casa nos dá essa oportunidade de expor nossos trabalhos que tenho o prazer de fazer". Lá, são produzidos quadros, objetos de cerâmica, velas, bordados e vários outros trabalhos manuais, mas existem também outras experiências interessantes, como a do artista Eduardo Araújo que produz réplicas do patrimônio cultural de Uberaba como por exemplo, o prédio da Prefeitura e Câmara Municipal.

A casa do Artesão se localiza na esquina das ruas Alaor Prata e Segismundo Mendes

A Casa do Artesão acolhe também os trabalhos de artesãos que fazem em seus próprios ateliês. É o caso do artesão Antônio Cleófas Bezerra, que expõe seus vasos de cerâmica na casa. Ele é proprietário de uma fábrica, produtora de peças que requerem muita habilidade, principalmente na hora de dar o acabamento final. Ao todo são produzidos 15 vasos por dia e segundo seu filho, Salomão Bezerra, a saída é grande e eles estão vendendo os potes para várias cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Os artesanatos produzidos são para todos os gostos, e para todos os bolsos

Hoje a Casa do Artesão recebe muitas visitas, incluindo estrangeiros que passam por Uberaba. A funcionária da Universidade de Uberaba, Neiry Primo, disse que ouvia as pessoas falarem da Casa do Artesão e a falta de tempo sempre impediu a visita planejada. Recentemente, ela aproveitou um dia de folga para conhecer os vários tipos de artesanato e saiu de lá satisfeita.

Os artesanatos produzidos são para todos os gostos, e para todos os bolsos. O objeto mais caro é uma tela, custa R$ 980,00 e os mais baratos atendem a todas as possibilidades de pagamento e desejo de consumo. Os artesanatos produzidos ou vendidos na Casa do Artesão são perfeitos para presentes ou lembranças. Segundo a tesoureira Ingrid Setz, o movimento é regular no final do ano, mas todos os dias tem uma boa saída das peças. "Uma das peças que tem muita saída são as telas", explica Ingrid.

issuu-downloader.com

Comunicação

Endereço especial

Projeto de alunos da PUC-Campinas leva assinatura de professores da Uniube

Em novembro de 2002 foi lançado o Jornalite - portal de Jornalismo Literário no Brasil. Criado por alunos do curso de jornalismo da PUC de Campinas como Trabalho de Conclusão de Curso- TCC, o Jornalite (www.jornalite.com.br) é editado por Rodrigo Stucchi, jovem membro do trio de alunos que concebeu o Portal. O diretor de redação é o prof. Celso Falaschi, também da PUCamp, que os orientou.

Os três principais colunistas e consultores do Jornalite, atualizado mensalmente, têm ligação direta com o tema Jornalismo Literário e com a Universidade de Uberaba (Uniube): o prof. Edvaldo Pereira Lima, diretor do curso de Comunicação Social, e o prof. Sergio Vilas Boas, também escritor. Sergio conquistou o prêmio Jabuti de reportagem com o livro "Os Estrangeiros do Trem N" em 1998. A jornalista e pesquisadora Mônica Martinez também fez história na Uniube durante anos lecionando e orientando TCCs na área de jornalismo.

O grande lance do Jornalite é reunir e discutir idéias sobre Jornalismo Literário, base da proposta pedagógica do curso de Comunicação Social da Uniube

O grande lance do Jornalite é reunir e discutir idéias sobre Jornalismo Literário, base da proposta pedagógica do curso de Comunicação Social da Uniube. Nele você poderá encontrar esclarecimentos diversos sobre essa prática jornalística vibrante e humanista, que usa recursos narrativos sofisticados, inspirados na boa literatura. Os artigos esclarecem conceitos, debatem temas contemporâneos, resgatam histórias, analisam a produção editorial brasileira e fundamentam o Jornalismo Literário (JL) como um todo. São textos provocantes e consistentes, mas também arejados, acessíveis a qualquer aluno de graduação.

Mais: o jornalite oferece links superlegais para publicações que valorizam o JL, livros-reportagem escritos por alunos da Uniube, da PUCamp e da Faculdade Cásper Líbero (SP); entrevistas, sugestões de leitura e muitos outros endereços que têm pontos de contato com esse tema apaixonante. Todo o conteúdo do site está ao seu dispor. O Jornalite é "lite" de literatura e "lait" de *light* (luz, iluminação, leveza, *insights*). Visite e cadastre-se: www.jornalite.com.br

Instituto de Humanidades prepara edição da revista Fluxos

Docentes agora têm canal de divulgação de seus artigos científicos

Da redação

A Uniube aprovou em fevereiro último um importante projeto de incentivo à produção acadêmica dos docentes vinculados ao Instituto de Humanidades (IH), que abrange os cursos de Direito, Administração, Comunicação Social, Turismo e Serviço Social. Trata-se da revista *Fluxos*, que já começa a preparar sua primeira edição.

***Fluxos* é uma revista primordialmente acadêmica, mas também jornalística**

Fluxos é uma revista primordialmente acadêmica, mas também jornalística. Os idealizadores do projeto conceberam a revista da seguinte forma: uma seção (chamada "Descobertas") dedicada a artigos científicos sobre questões das Ciências Humanas em geral; e uma porção jornalística que inclui entrevistas ping-pong, perfis, ensaios livres, reportagens literárias e notas sobre lançamentos de livros e documentários audiovisuais.

O time encarregado da edição é o mesmo que concebeu o projeto gráfico e editorial da *Fluxos* – os professores da Comunicação Social Sergio Vilas Boas, Norah Vela, Adrian Padilla e Edvaldo Pereira Lima. Todos os professores dos cursos vinculados ao IH estão convidados a submeter textos para a avaliação do conselho editorial da revista. A publicação está aberta também a avaliar artigos de docentes das áreas de Letras, História, Educação e Saúde.

"É importante e necessário que publiquemos artigos, mas nem sempre conseguimos encontrar publicações disponíveis. Por isso, é da maior relevância que tenhamos conquistado essa possibilidade aqui na insti-tuição", diz o professor Edvaldo Pereira Lima, diretor do curso de Comunicação Social e um dos membros do conselho editorial da *Fluxos*.

A primeira edição deve circular ainda neste semestre

Aqueles docentes que têm artigos guardados em suas gavetas devem apresentá-los o quanto antes. A primeira edição deve circular ainda neste semestre. Os artigos precisam seguir as normas editoriais e de padronização da *Fluxos*, que estão sendo divulgadas para os docentes do IH por e-mail.

Os professores devem encaminhar seus textos por e-mail para o professor Sergio Vilas Boas, editor-executivo da revista: K mailto:sergio.vilasboas@uniube.br sergio.vilasboas@uniube.br, sempre com cópia para svilasb@uol.com.br, edpl@uol.com.br, norah.vela@uniube.br, adrian.fernandez@uniube.br.

"Mas devem ser encaminhados também em papel", lembra o Sergio Vilas Boas. A cópia impressa deve ser entregue à Valquíria, secretária do curso de Comunicação Social, Campus II, Bloco L, sala 03, tel. 3319-8953, das 14h às 22h45.

issuu-downloader.com

Comunicação

Fábrica desenvolve modelo de TV humanista

Programa de TV produzido por estudantes de Comunicação Social procura valorizar a responsabilidade social

Sana Suzara
7º período de Jornalismo

O curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba tem um programa de TV. É uma oficina de informações, que não por acaso, chama-se *Fábrica*. Com reportagens analíticas e reflexivas - realizadas com aprofundamento e seriedade - o programa traz um formato inovador.

No ar há nove meses, o programa é realizado por estudantes do curso de Jornalismo sob a coordenação da professora Celi Camargo. Segundo ela, o objetivo do programa é mostrar os fatos curiosos da cidade que não são abordados pela imprensa. A vertente principal do curso é a criatividade, responsabilidade social e humanização através de matérias realizadas com pessoas que, mesmo no anonimato, possuem histórias interessantes para contar.

As reportagens que são feitas para o Fábrica, buscam trazer para a tela da TV gente que luta, realiza e transforma o lugar em que vivem. A qualidade de vida, responsabilidade social das empresas, na área de educação e trabalhos das ONGs são assuntos que estão sempre em pauta.

Uma das preocupações do curso de jornalismo, assim como do programa Fábrica é quanto à presença de imagens que agridam o público ou os choquem, sendo que é possível falar do fato sem mostrar sangue ou ser sensacionalista.

Programa Fábrica é veiculado sábados, às 16h30, pela TV Universitária, no canal 5.

"Em TV nada se cria tudo se copia, mas para a confecção do programa é realizada uma análise crítica sobre a produção, as matérias e o que vai ser transmitido. Assim, se faz uma abstração do que há de positivo", explica a professora.

As reportagens que são feitas para o Fábrica, buscam trazer para a tela da TV gente que luta, realiza e transforma o lugar em que vive

A apresentação do Fábrica é realizada por uma dupla de estudantes de jornalismo. E a cada seis meses o cargo é passado a outros alunos. Para a escolha dos apresentadores é feito um processo seletivo para definir os apresentadores.

A dupla de alunos que apresentam o programa atualmente são: Keyla Cristina e Rafael Ferreira. Mas, anteriormente quem exercia essa função eram os estudantes de Jornalismo do 6° período Karla Marilia e Rodolfo Rodrigues. Para ambos, é uma experiência bastante gratificante, tanto em nível profissional quanto pessoal.

Keyla Cristina é a nova apresentadora do Fábrica e está no 5º período de Jornalismo. Trabalha, mas não em sua área de estudos. Para ela, essa é uma oportunidade dos alunos adquirirem experiência antes da diplomação. "A princípio senti um certo medo, mas agora já consegui superar", diz Keyla.

Os novos apresentadores são colegas tanto na sala de aula, como na apresentação do Fábrica. Rafael trabalha há um ano em uma emissora de rádio local. "Minha experiência no rádio foi de grande ajuda para meu trabalho na tv", ele diz. Ele compara o programa do qual apresenta, aos transmitidos pela rede Cultura.

A primeira apresentadora, Karla Marília, faz comerciais para TV, e sua primeira experiência, deu-se durante a semana de seminário, que acontecia semestralmente, sob a coordenação da professora Alzira Borges. "No começo eu senti um certo receio, ficava inibida diante das câmeras. O Fábrica não tinha ainda um formato definido, foi na época do seminário. Conseguimos fazer o trabalho e descobri um fato que antes nem imaginava: o fascínio que a TV me despertou" , ela concluiu. Karla Marília continua no *Fábrica,* cobrindo matérias nas ruas.

O outro apresentador, Rodolfo Rodrigues, faz teatro e para ele a experiência que teve foi de extrema importância. O programa funcionou como um estágio. "E a TV me ajudou muito no teatro. O teatro é de fundamental importância para minha vida pessoal e profissional" diz.

O programa Fábrica é veiculado sábados, às 16h30, pela TV Universitária, canal 5.

Alunos visitam feira de produção gráfica

Estudantes ficaram por dentro das novidades tecnológicas nas áreas de impressão

Da redação

Estudantes do 4º ao 8º período de Publicidade e Propaganda da Uniube, através da disciplina de Produção Gráfica sob a responsabilidade do prof.º Wilson Oliveira, participaram da Feira Internacional de Indústria Gráfica (FIEPAG) e a Feira Internacional de Máquinas para Impressão de Embalagens (CONVERFLEX LATIN AMÉRICA). Os eventos foram realizados no Anhembi em São Paulo e contaram com mais de 200 expositores e Indústrias deste segmento em todo o mundo.

Eventos contaram com mais de 200 expositores e Indústrias de todo o mundo

Os alunos ficaram por dentro da evolução tecnológica dos processos de impressão, conhecendo o funcionamento da flexografia, rotogravura, off-set, litografia, serigrafia e impressão digital, entre outros.

A visita teve como objetivo aumentar o conhecimento dos alunos proporcionando-lhes uma nova visão dos recursos disponíveis no mercado. A próxima feira da FIEPAG será realizada em Frankfurt na Alemanha em 2005.

Turma de Publicidade e Propaganda foi a São Paulo para participar da FIEPAG

issuu-downloader.com

O libertador do xadrez

História de vida se confunde com a história do xadrez em Uberaba

fotos: arquivo pessoal

Xico Xadrez durante simultânea nos Açores, contra trinta jogadores

Fernando Machado
6º período de Jornalismo

Eis a verdade única: – Somos os peões da misteriosa partida de xadrez, jogada por Deus, que nos desloca, nos pára, nos põe mais adiante e depois nos recolhe um a um à caixa do Nada.

Omar Kháyyám, Pérsia
(1040 – 1125)

O mesmo arquipélago dos Açores onde os líderes de Estados Unidos, Espanha e Reino Unido há pouco se reuniram para, em meio a bucólica natureza local, acertar detalhes finais de guerra, já foi palco de cenas mais pacíficas e sofisticadas. Há dois anos, população e autoridades da ilha de São Miguel passaram uma tarde na Câmara Municipal de Ponta Delgada assistindo a uma exibição pública de xadrez do uberabense Francisco José dos Santos Neto, ou simplesmente Xico Xadrez. Na ocasião, o virtuose enfrentou ao mesmo tempo, desde crianças enxadristas e mestres até o campeão local, trinta jogadores. O resultado da *simultânea*, como é chamada esta modalidade do xadrez, lhe foi bastante favorável: cinco empates e vinte e cinco vitórias. Xico Xadrez fora a Portugal para o curso "Açores: o Descobrimento das Raízes". Ficou por lá dois meses, encontrou pessoas de várias partes do mundo que participavam do curso, falou sobre xadrez na Universidade de Coimbra e conheceu o Palácio Presidencial dos Açores. Inspirado, ficou com o primeiro lugar do Campeonato Luso-Brasileiro, disputado por 50 jogadores.

Para difundir sua paixão de uma maneira cada vez mais rápida e simplificada, Xico desenvolveu o *Método Rápido*, baseado em elementos do método Paulo Freire

Mestre nacional de xadrez, formado em Jornalismo e em Relações Públicas pela extinta Fiube (Faculdades Integradas de Uberaba), romancista, poeta e fundador do jornal *Correio Regional*. Direcionados para a cultura espírita de Chico Xavier e os gordos dividendos da agropecuária, os holofotes de Uberaba não jogam muita luz sobre o caminho de Xico Xadrez. Todavia, há mais de 20 anos, ele ingressou nos reinos do xadrez, da literatura, da poesia, do jornalismo, da educação. Com a ajuda de militantes do xadrez, a exemplo da jornalista e renomada enxadrista Ângela Pereira, o xadrez, depois do ostracismo nos anos de chumbo, ressurgia.

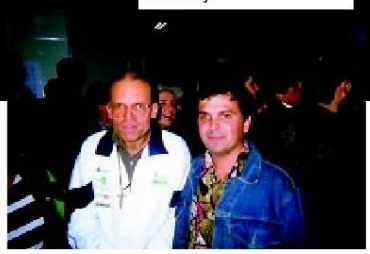
O primeiro campeonato de xadrez em Uberaba aconteceu em 1941. O vencedor foi Altino Dias. E em 1945, os enxadristas Walter Dornsfeld, Oswaldo Diniz, Ângelo Prieto e o membro da Academia Brasileira de Letras e fundador da Universidade de Uberaba, Mário de Assumpção Palmério, fundaram o Clube de Xadrez de Uberaba. Sob o medo da repressão, as atividades do Clube cessaram durante o período militar. O xadrez ficou como morto por muito tempo.

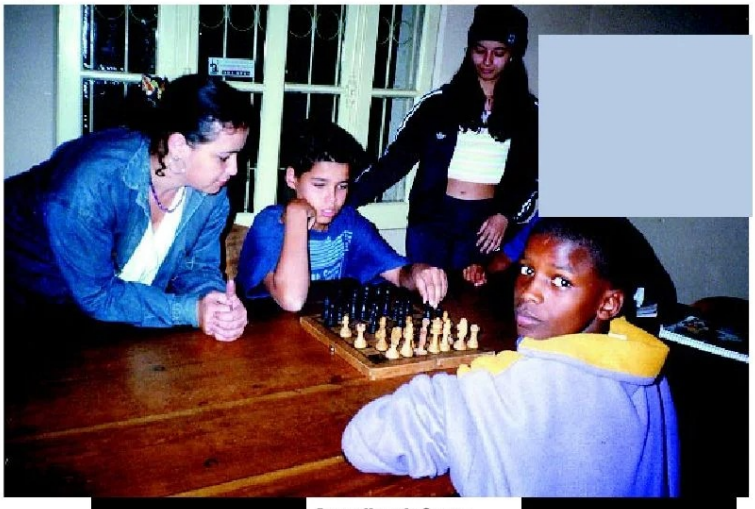
No dia 25 de agosto de 1980 a Liga Uberabense de Xadrez (LUX) foi criada. De lá para cá, mais de três mil pessoas se inscreveram oficialmente, e outras tantas, seis ou sete mil, em um banco de praça ou na escola, aprenderam a jogar. Para difundir sua paixão de uma maneira cada vez mais rápida e simplificada, Xico desenvolveu o *Método Rápido*, baseado em elementos do método Paulo Freire. "É completamente errado achar que quem joga xadrez é ou fica mais inteligente. Crianças de três anos aprendem a jogar. Depois dos cinco, qualquer um consegue". Através do *Método Rápido*, a partir dos cinco anos de idade, a maioria das pessoas pode aprender em quinze minutos. No colégio Cairós, ele implantou o xadrez como disciplina escolar. "É como filosofia: você entrega a tocha e quem a recebe segue por si só. Não tem volta, não tem fim".

Faz cinco mil anos que o xadrez vive rodeado de mitos e analogias que o deturpam

Faz cinco mil anos que o xadrez vive rodeado de mitos e analogias que deturpam seu significado. As semelhanças com a guerra e com a vida são grandes – mas as diferenças são, naturalmente, muito maiores. Por exemplo, é fato conhecido que Napoleão Bonaparte era um fanático enxadrista. Os livros contam que os membros de seu séqüito, tanto generais como cortesãos, eram desafiados a jogar contra ele. Com medo de ofender o orgulho do general, entregavam a partida sutilmente. O que geralmente não se conta é que perder uma partida de xadrez para um dos maiores estrategistas de guerra era tarefa difícil. O general era um jogador abaixo de críticas. Infantilmente, transferia a preferência pela cavalaria para o tabuleiro. Em seu livro *The adventure of Chess* (no Brasil, a obra recebeu a estranha tradução de *História do Xadrez*), o campeão mundial Edward Lasker

Grande encontro com o gênio Mequinho, em São Lourenço





Aprendizes do Centro Afro de Uberaba

issuu-downloader.com

Recebendo os cumprimentos do então presidente da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Mario Salvador

Outro grande encontro: em São Lourenço, Xico se encontra com a lenda viva do xadrez, o russo Anatole Karpov.

reuniu os dados históricos existentes do general como xadrezista. O resultado não é nada condizente com a fama de jogador do francês. "Podemos prontamente estabelecer que ele era um grande aficionado no xadrez; mas descobrimos igualmente que, não apenas jogava mal, como também não sabia perder", relata o escritor. "Não é preciso ser Albert Einstein para aprender a jogar e a jogar bem", aponta Xico.

As semelhanças com a guerra e com a vida são grandes – mas as diferenças são, naturalmente, muito maiores

Quando perguntado do que acontece com quem aprende a jogar, ele brinca: "Tem uns que melhoram, outros que pioram...". Na verdade, muitos professores de crianças em Uberaba falam de uma melhora significativa do comportamento dos alunos que se envolveram com a arte. "Um jogo que também é esporte, é arte, é brincadeira, é política...puxa vida!", entusiasma-se uma das professoras, ela própria uma jogadora. As crianças do Centro Afro de Uberaba também são aprendizes, assim como as da Escola Bom Pastor e do Centro de Reeducação do Menor. Pode parecer piada, mas é dado como certo que um aluno de Xico entrou em um sanatório carregando um saco com trinta e duas peças e um tabuleiro de sessenta e quatro casas. "O xadrez liberta", garante o aficionado.

Os primeiros movimentos com as peças foram ensinados pelo pai, o advogado e ex-professor de natação Odair Santos. Então com 11 anos, Xico experimentou os primeiros embates com um amigo na Escola Municipal Rui Barbosa. Ao mesmo tempo, rabiscava versos nos cadernos escolares. Os vôos mais altaneiros vieram no início dos anos oitentas, época da criação do Circo do Povo pela Fundação Cultural de Uberaba. Ficou com o terceiro lugar na primeira vez em que disputou o acirrado Campeonato Mineiro, em 1982. Conseguiu, em 1986, o que nenhum mineiro do interior havia conseguido até então: o título de campeão no Campeonato Absoluto Mineiro de Xadrez. Foi nessa época que escreveu seu primeiro livro de poesia, "A Dor Poeta". Aprovado para publicação pela FCU há mais de uma década, o livro aguarda que o cumprimento da promessa. Em 1988, com o cineasta Joaquim Borges, fundou o *Correio Regional*. Retornou ao jogo das letras em 1989 para escrever o romance "Gilas Kalatian Partiu". Na final do Campeonato Mineiro de 1991, disputada por Xico e Eduardo Eugênio, o jogador da capital caiu nas armadilhas e o título veio, mais uma vez, para Uberaba.

Com o apoio da FCU, desde 1993 Xico leva em frente o Projeto Xeque-Mate. O primeiro aluno a se inscrever foi Santiago Barbosa Fraga. No ano seguinte, Fraga foi campeão mineiro na categoria juvenil, depois conseguiu o bicampeonato. Xico ainda achou tempo para promover e dirigir o Festival Nacional de Xadrez no mesmo ano. Em 1994, Joe Cuchi, organizador do Aberto de Nova Iorque, convidou *Santos Neto* para competir na maior disputa enxadrística do planeta. Sem patrocínio, ele não pôde ir. No mesmo ano, a FIDE, federação internacional de xadrez, confirmou *Santos Neto* em sua listagem internacional. Com 2250 de *rating*, atingiu a posição de Mestre.

Em 1995, ano em que a Prefeitura de Uberaba premiou Xico com a láurea "Melhores do Esporte", ele foi até a cidade de São Lourenço para dirigir o Campeonato Mundial de Xadrez para Crianças. A cidade do sul de Minas recebeu, durante o evento, a visita de um campeão mundial e uma lenda viva do xadrez, o russo Anatole Karpov, além de jogadores de outros 58 países. Xico Xadrez foi assessor de imprensa do russo que dominou o jogo no mundo durante a década de oitenta. Ainda naquela cidade, conheceu o gênio de Henrique da Costa Mecking, o "Mequinho", maior jogador brasileiro de todos os tempos.

Em um evento promovido pelo SENAI de Uberaba em 1996, Xico arrebatou os presentes ao derrotar o computador em um jogo de exibição. Neste ano, ficou em quarto lugar no Mineiro e em primeiro no Open BH-Shoping-Antarctica. Este último reuniu o maior número de enxadristas em uma competição em Minas Gerais: 147 participantes. Em 1997, classificou-se para as finais do Campeonato Absoluto Brasileiro e venceu o "II Memorial Walter Dornsfeld". Em 2000 escreveu o livro de poesias lusófonas "Caravelas Ousadas", venceu na Copa dos Campeões, em Vitória, e foi o representante de Minas na final do Campeonato Brasileiro.

Os troféus e medalhas, mais de oitenta até agora, lotam um quarto de sua casa e os fundos da gráfica de um amigo. Com o apoio da FCU, o Projeto Xeque-Mate continua transformando as tardes de sábado da praça Carlos Gomes em uma das melhores opções de lazer de Uberaba. Promessas e revelações, jogadores experientes, principiantes, pessoas que só querem se divertir passam a tarde toda brincando sob a sombra das árvores da praça. Aos domingos, os jogos são na sede da LUX, no estádio do Uberaba Sport Club.

Xico ministra palestra no Palácio Presidencial dos Açores

issuu-downloader.com

Paixão a todo instante

A paixão pela vida nos tornam mais completos, mais fortes, mais intensos

Maria Fernanda Guaritá Bento
6º período de Jornalismo

Respire fundo, suspire, prepare-se para mergulhar numa grande paixão. Sentimento forte, intenso, quente. Não aquela loucura que alguns afirmam sentir pelo artista de cinema ou pelo cachorro de estimação. Existe algo bem maior, de grande importância e capaz de transformar a vida dos verdadeiramente apaixonados.

Dados científicos comprovam que a paixão se perpetua por, no máximo, três anos. Muitas terminam em alguns meses e todas deixam marcas. Estas pesquisas se referem ao sentimento entre homem e mulher. Relação recheada de calor, sedução, felicidade, beijo na boca, saudade, tristeza e inúmeros mistérios que até mesmo os especialistas desconhecem.

Sem paixão, as pessoas sobrevivem. Para realmente viver, é preciso estar apaixonado

A paixão entre os sexos é saborosa e também pode se tornar sufocante. Propicia momentos inesquecíveis como a alegria do reencontro, horas e horas no telefone, jantar romântico e cinema à dois. Mas também gera euforia, noites sem dormir, batimentos cardíacos acelerados, um inexplicável e delicioso "frio na barriga" e até mesmo falta de apetite. Talvez seja por isso que esteja fadada ao fim. Ninguém conseguiria sobreviver a um cotidiano tão conturbado por muito tempo. Em muitos casos, se transforma em amor e anuncia grandes probabilidades de um final feliz.

Neuza das Graças

Paixão pela vida nutre amizade de Ralfer, Alessandra, Fernando, Maria Fernanda, Míriam, Sana e Cícera

Porém, há uma certa paixão que pode e deve nos acompanhar durante todos os instantes: a paixão pela vida. É isso que move, emociona, faz com que muitos participem e não somente assistam os dias passarem. A paixão pela vida faz você acordar de bom humor, trabalhar com satisfação, trocar de emprego, construir sonhos, amar o próximo, ter raiva, perdoar, ficar confuso, estabelecer relações de amizades, adorar a música nova, ter falsas ilusões, sofrer decepções, realizar o que quer, traçar outros ideais, começar de novo. Esse sentimento nos torna mais completos, mais fortes, mais intensos. Sem paixão, as pessoas sobrevivem. Para realmente viver, é preciso estar apaixonado.

O racismo está na moda?

Sistema de cotas para ingresso nas universidades pode ser apenas mais uma face do preconceito

Rodolfo Rodrigues
6º período de Jornalismo

O inconformismo me consome, após os vestibulares começou o tal sistema de cotas, 40% mais descriminação. Questionamentos são feitos não só por mim, mas por várias pessoas, inclusive os beneficiados discutem o dito cujo.

Independente da cor, somos seres humanos, não é? Com capacidade de pensar, agir, fazer e estudar, será? Porém, uns com mais condições e dinheiro para se dedicar aos estudos, isso não classifica cor, sim uma hierarquia financeira e diposição para estudar. No entanto, agora vemos uma "louca lei" burlando isso tudo, ou seja: por você ser negro, mulato, pardo, amarelo ou branco lhe caracteriza ser mais ou menos preparado para um vestibular?

Será que Deus quando pensou em fazer pessoas de cores diferentes também pensou em dar-lhes opções reduzidas de neurônios, quanto mais escura for a pele da pessoa, menos inteligente ela é? Difícil acreditar nisso!?

Agora imaginemos uma pessoa que passou mais de catorze anos de sua vida estudando, e, quando presta vestibular, descobre que sua vaga foi encaminhada para um estudante enquadrado na cota. Mas eu, cá no meu canto pensando, concluí, sendo esta pessoa brasileira, quase que obrigatoriamente seria ela um resultado do misto de raças e cores. Ela também faria parte dos tais 40%, independente se é ou não de pele negra, parda, sei lá.

arquivo Revelação

Raika Julie, estudante da turma do 3º período de Comunicação Social, ingressou na Universidade sem precisar se valer das cotas

Por você ser negro, mulato, pardo, amarelo ou branco lhe caracteriza ser mais ou menos preparado para um vestibular?

Exemplificando para uma melhor compreensão: um casal negro acaba de casar e ter um filho albino que cresce, presta vestibular mas não consegue a sua vaga referente à cota, já que a sua pele é rósea, diferente de seus pais, perde também ele o direito?

Agora, o engraçado é saber que as associações negras brigaram e brigam para que essa lei exista, e ao mesmo tempo lutam para que o racismo acabe.

Deveria sim criar leis que proibissem leis racistas, como essa que incapacita pessoas de cor negra em provar a sua capacidade. O cara tá doidinho pra provar que pode passar no tal vestibular, afinal ele dispensou horas do seus dias estudando e se dedicando e o momento mais esperado chegou.

O racismo acabou ou pelo menos tem que acabar no Brasil, pois somos todos uma mistura de raças. Será que ninguém pensou nisso antes? Já não basta aqueles colares, anéis, brincos e camisetas como os dizeres; *100% negro; preto puro; afrobrasileiro negão* entre tantos outros. Afinal, ser racista agora está na moda? A verdade é que não prestei muita atenção no último Fashion Week.

issuu-downloader.com

Solidariedade

Terapia Ocupacional realiza campanha de combate à fome

Inspirados pelo Fome Zero, estudantes arrecadam alimentos para comunidade carente

Denise Nakamura
3° período de Jornalismo

O curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Uberaba está realizando uma campanha de arrecadação de alimentos não perecíveis. Os postos de arrecadação estão localizados perto da cantina no campus I e II da Universidade de Uberaba e em seu quiosque no Shopping Uberaba. A coletas são realizadas das 13h às 19h, até o dia e 25 de abril.

A campanha foi uma proposta de trote diferente, inspirada no programa social do governo Lula, o Fome Zero. Segundo a coordenadora da campanha, Flávia Bonsucesso Teixeira, "a intenção, além de interar os alunos, é conscientiza-los de nossa realidade social". A campanha vai contar como atividade complementar optativa da qual todos alunos concordaram em participar.

Depois de arrecadados, os alimentos serão doados ao Assentamento Estrela da Vitória. A escolha foi feita depois de alunos e professores reconhecerem a necessidade do local. Em algumas visitas ao assentamento eles puderam conversar com seu representante, com a comissão de alimentação.

Durante um mês, eles fizeram um trabalho de identificação do lugar e pensaram em como chegar até a comunidade, como poderiam ajudá-los. Feito isso, decidiram arrecadar os alimentos através de doações. Mas a campanha não pára por aí. A arrecadação é só um primeiro momento.

Professores do curso vão apresentar projetos de extensão e iniciação científica voltados para essa população

Os professores do curso de T.O. vão apresentar projetos de extensão e iniciação científica voltados para essa população. A diretora do curso, Ana Cláudia Bredariol, já começou um projeto de acompanhamento de bebês entre 0 a 1 ano. Oficinas são a proposta para trabalhos de extensão. No dia da entrega das cestas de alimentos, todo o curso oferecerá oficinas de brinquedo, de artesanato, de educação e de saúde.

É interessante ressaltar que outros cursos estão se sensibilizando com a campanha. O curso de Biomedicina, por exemplo, vai participar desses trabalhos. A campanha está aberta a participação de todos.

arquivo T.O.

Alimentos serão doados ao Assentamento Estrela da Vitória

Além de receber os alimentos, os postos de arrecadação também vendem camisetas da campanha (todo o lucro será revertido em alimentos) e recolhendo assinaturas para um abaixo-assinado que será entregue ao prefeito de Uberaba. O objetivo é atrair sua atenção para o assentamento que não tem saneamento básico algum. Lá moram mais de 300 famílias e cerca de 100 crianças de 0 a 5 anos de idade.

A divulgação da campanha está sendo feita através de folders e cartazes em pontos estratégicos. Os cursinhos da cidade também estão sendo visitados no sentido de mostrar outros trabalhos que são feitos dentro da universidade. "A campanha é uma mostra de mobilização social. É cada um tentando fazer sua parte para melhorar a condição de vida de pessoas carentes."

Pobreza: o inimigo número um

Mariana do Espírito Santo
2° Período de Jornalismo

Depois das grandes esperanças confiadas na mudança do milênio numa nova era de respeito pelas liberdades fundamentais, surge uma situação que acaba com tais ilusões. É evidente que se deve lutar tão duramente quanto antes, ou mais, para que os direitos humanos sejam uma realidade para todos.

Alguns setores sugerem que a consideração dos direitos humanos deve ocupar uma posição acessória na luta contra o terrorismo. Os direitos humanos devem ser respeitados especialmente em tempos de crise.

Podemos e devemos combater o terrorismo e, ao mesmo tempo, respeitar os direitos humanos. Por certo, o antídoto contra o terrorismo é a longo prazo, o que não tira a igual dignidade esperada por todos. Mas qual é, realmente, o maior problema em relação aos nossos direitos? A resposta é: a extrema pobreza mingua a dignidade e o valor dos indivíduos.

A pobreza continua sendo um problema global de enormes proporções. Seis crianças em cada cem não completam um ano de vida e oito não vivem até os seis anos. Por trás dessas chocantes estatísticas está a realidade do subdesenvolvimento e da impotência dos homens. A pobreza é um fenômeno global que afeta tanto o Norte quanto o Sul do planeta. No entanto, não há dúvidas de que a maior carga da pobreza extrema recai sobre a África. Basta apenas um exemplo: em 12 países da África, os índices de matrícula escolar nos anos 90 estava abaixo dos 50%.

Os pobres devem gozar do direito de participar das decisões que possam afetar suas vidas

No passado, a pobreza era entendida como uma renda insuficiente para comprar um mínimo de bens e serviços. Entretanto surgiu uma definição mais completa, reconhecendo na pobreza características mais amplas que afetam a capacidade básica das pessoas para viver dignamente, sem a privação de recursos, capacidades, segurança e do poder necessários para o gozo de um adequado nível de vida, cultural, econômica, política e social.

Embora os desafios frente à pobreza extrema sejam muitos e complexos, a partir de uma perspectiva de respeito humano, será possível contribuir através da aplicação dos princípios dos direitos, para a não-discriminação.

A discriminação pode causar pobreza, do mesmo modo que esta pode causar a discriminação. A desigualdade pode estar consolidada nas instituições e profundamente enraizada nos valores sociais que modelam as relações dentro dos lares e das comunidades. Apenas a garantia de igualdade e de não-discriminação pode remediar esse desequilíbrio.

Também são inevitáveis as conexões entre a pobreza e o racismo, que se auto perpetuam e se reforçam mutuamente. Aquelas vítimas da pobreza, freqüentemente carecem dos direitos legais que poderiam permitir-lhes sair dessa situação e protegê-las de tratamentos arbitrários e injustos. Além disso, emerge o efeito do racismo que promove a pobreza. A discriminação baseada no sexo, na etnia, na raça, na religião ou na posição social pode levar à exclusão social e manter as pessoas por longo tempo em condição de pobreza.

Os pobres devem gozar do direito de participar das decisões que possam afetar suas vidas. Uma política ou um programa feito sem a participação ou informação ativa deles muito provavelmente será ineficaz.

issuu-downloader.com

Resenha

O apóstolo que não conheceu Jesus Cristo

Livro da escritora Taylor Caldwell retrata a vida de São Lucas

Alessandra Goiaz
7º período de Jornalismo

Quarenta e seis anos foi o tempo gasto para a conclusão da obra-prima "Médicos de Homens e de almas", da escritora Taylor Caldwell. Um livro que começou a ser escrito quando a autora tinha apenas 12 anos de idade e que resultou numa história emocionante sobre a vida de São Lucas, um dos apóstolos de Jesus Cristo.

Lucano, como era conhecido, pois Lucas é o diminutivo e São Lucas porque ele foi considerado santo, não conheceu pessoalmente o Nazareno, mas sabia da sua existência e sentia que um laço muito forte os uniam, mesmo sem nunca terem visto os rostos um do outro. Ele foi um médico muito respeitado, que ajudava primeiramente os pobres, para depois ajudar os ricos. Curava com poções que fazia, mas não sabia que podia curar, também, com as emoções, que eram refletidas pelo contato das suas mãos com a pele do doente.

O médico foi um dos maiores defensores da fé cristã e não acreditava que Jesus teria vindo para a terra somente para salvar os judeus, e, sim, para salvar a todos os homens. A Bíblia o apresenta como o médico de coração generoso, bem instruído e autor de um dos Evangelhos e do Livro de Atos.

O primeiro contato direto de São Lucas com Cristo foi quando criança. Junto a um dos seus instrutores e amigo Keptah, também médico, presenciou a estrela que anunciava a chegada do Salvador. Depois, já adulto, estava na porta de casa quando o céu escureceu, como se a noite atropelasse o dia. Aquele era o momento que o Filho de Deus estava de braços abertos, pregado na cruz e sendo observado por Prisco, irmão de Lucano e soldado romano. Aliás, foi Prisco quem relatou com muita precisão um dos momentos mais emocionantes do livro: a crucificação.

Como o apóstolo, a autora fez uma longa pesquisa sobre seu personagem, não poupou esforços para conseguir chegar ao seu objetivo

Tudo o que o médico escreveu no seu Evangelho foi adquirido através de pesquisas, ouvindo os testemunhos de Maria, mãe de Cristo, dos discípulos, dos apóstolos e das demais pessoas que o conheceram. Ele pessoalmente não presenciou nada. Porém, quem lhe contou as histórias, foi muito preciso e detalhista. No início da sua parte na Bíblia o escritor já deixa claro a sua posição diante dos fatos descritos: ele nada viu mas tudo ouviu.

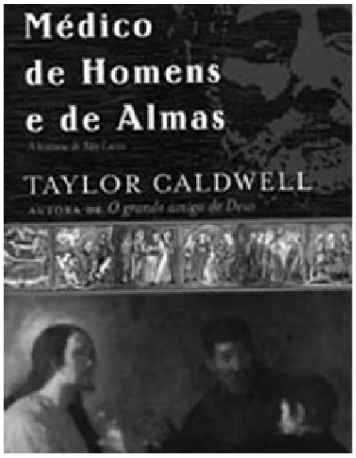
"Tendo pois muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram.

Segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra.

Pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio;

Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado."

(São Lucas, cap.I, v. de 1 a 4)



Pode até parecer ironia, mas autora e personagem tiveram destinos semelhantes. Pelo menos, quando me refiro à escrita. Ambos sentiam uma necessidade muito forte de saber e mostrar para o mundo o significado da existência de seus personagens. Taylor Caldwell, como o apóstolo, fez uma longa pesquisa sobre seu personagem, não poupou esforços para conseguir chegar ao seu objetivo. Ela empenhou boa parte da vida para fazer um livro detalhista, emocionante e às vezes angustiante. É difícil lê-lo e não imaginar o que ali está descrito, e é difícil também lê-lo e não se emocionar.

O livro possui uma narrativa extremamente detalhada historicamente para que o leitor possa saber exatamente como eram os lugares, roupas, pessoas, enfim, tudo o que se passa na obra. A autora combina a imagem de um homem que fazia milagres sem saber e que era contra Deus, com a imagem do homem que converteu-se ao cristianismo e se tornou um dos personagens mais importantes da igreja cristã primitiva, caracterizado pelas constantes preocupações com os seus enfermos.

Para escrever sobre a vida de São Lucas, a escritora leu mais de mil livros sobre o personagem e contou com a ajuda do marido e de um padre. Quase todos os acontecimentos narrados são verdadeiros, mas a segurança da narração do livro faz com que nós, leitores, acreditemos que é tudo verdade, mesmo porque o personagem realmente existiu e tamanha é a descrição dos fatos, lugares e objetos.

O que pode-se notar no livro é que Jesus Cristo é um mero coadjuvante. A autora se preocupou em fazer com que todas as atenções fossem voltadas para o médico Lucano. Além do mais, não existe romance ou livro histórico que possa transmitir a história do Nazareno tão bem quanto a Bíblia. Talvez, não exista, também, narrativa tão completa e compactada em um livro só sobre a vida de São Lucas como Médico de Homens e de Almas.

issuu-downloader.com

CADERNO LITERÁRIO

Olhares

Graziela Cristina de Oliveira

Graziela Cristina de Oliveira
1º período de Jornalismo

São cinco horas da tarde. Depois de tomar um demorado banho, visto um vestido bem leve, pego uma maçã bem vermelhinha e saio. Caderno debaixo do braço, maçã na mão, vou andando pelas ruas de meu bairro. Viro uma esquina, subo uma rua até chegar à pracinha. Passo em frente à igreja, paro alguns minutos e fico a contemplá-la. Há algumas pessoas lá dentro, parece uma reunião. Continuo a andar, agora a procura de um bom lugar para me sentar. Descubro um banco vazio entre as plantas, meio isolado, coberto pela sombra das árvores. Dirijo-me então até ele. Sentada, caderno no colo, caneta em punho, começo a observar tudo ao meu redor.

Logo ali, a poucos passos de mim, um grupo de crianças se diverte alegremente com uma bola. Olhando para elas, sinto uma grande calmaria. Parecem não ter nada com o que se preocupar, a não ser marcar um gol e vencer o time adversário. Nossa vida é tão corriqueira e tão cheia de decisões para tomarmos que, muitas vezes, nos esquecemos de como era bom nosso tempo de criança. A cabeça fica tão abarrotada de idéias que não sobra tempo para fazermos coisas simples, mas de grande valia. Olhando aquela brincadeira tão habitual, começo a recordar cenas da minha infância, como retratos esquecidos em algum álbum empoeirado. A gente se divertia tanto que não tinha preocupação sequer.

A mãe continua seu passeio, brincando com a filhinha. Levanta-a nos braços, beija-a; a criança sorri, ri tão gostosamente que rio também

Estou assim, absorta em meus pensamentos, quando sinto algo passar pelos meus pés: a bola. Um menino magro, moreno, de cabelos escuros e lisos corre em minha direção. Pego a bola e a entrego. Ele a pega, sorri para mim e sai tão acelerado que não dá tempo de retribuir o sorriso, apenas de escutar um "obrigado moça". Logo ele já está reunido com seus amiguinhos de volta para a diversão...

Deixo os meninos continuarem seu futebol e me detenho em outra cena interessante: uma mãe, jovem, vem empurrando seu carrinho de bebê. Parece muito feliz, será seu primeiro filho? Não sei, mas também não importa. Está um pouco longe, não consigo perceber se é menino ou menina. Um pouco adiante, duas senhoras a interceptam, querem conhecer o bebê. A jovem mãe o tira do carrinho mostrando-o toda orgulhosa. Agora sim consigo ver: é uma menininha, com lacinho e sapatinho cor-de-rosa, toda enfeitada.

A mãe continua seu passeio, brincando com a filhinha. Levanta-a nos braços, beija-a; a criança sorri, ri tão gostosamente que rio também. Deve ser mesmo uma alegria tornar-se mãe. As duas ficam assim por algum tempo, até que a brincadeira cessa e elas vão se sentar em um banco quase ao meu lado. Viro-me para olhar melhor, é realmente uma criança linda! A jovem então se prepara para dar de mamar ao seu neném. A amamentação é um momento mágico que torna mãe e filho únicos. O leite, branquinho e doce, na temperatura exata da ternura e do amor, fonte infindável de vida, proporciona um encontro muito especial.

As horas vão passando, a noite se aproximando. Vejo agora alguns casais de namorados nos bancos da praça ou andando de mãos dadas. Os apaixonados gostam do clima de fim de tarde para se encontrarem. Um afago aqui, um beijo roubado ali, uma mão que escorrega adiante. E eles ficam assim, perdidos na imensidão do amor, na pureza dos sentimentos. Escurece ainda mais. As mães chamam seus filhos para casa; a jovem já se foi com sua filha; também vou-me embora. Ficam apenas os amigos e namorados aproveitando a beleza dos primeiros brilhos da noite que se anuncia mais uma vez...

Amor, esse artigo de luxo

Karla Marília Meneses
6º período de Jornalismo

reprodução

O pai bêbado foi embora, a mãe prostituta sumiu e o dinheiro tinha acabado. Como "bônus", ela tinha o nariz quebrado. O cafetão a levou no hospital.

- Essa menina só me põe em roubada, vê? Faço tudo por ela. - disse na enfermaria.

Quando voltou as outras colegas riram:

- Vai ficar um mês sem trabalhar, quem vai querer você com essa cara quebrada?

Ela foi andar na avenida, queria um pastel do bar "Estrela Dalva" .

- Que foi isso aí, hein? - Um homem, que estava numa das mesas do bar, perguntou.

- O nariz - ela disse indiferente - Agora vou ficar de môlho, uns dias sem trabalhar.

- Quantos anos ?

- Dezesseis.

- Vamos ali no carro. Você conhece algum quarto?

- Conheço. O esquema é o seguinte: você paga o quarto e vou com você. Cinquenta reais o programa "simples" e cem o "completo".

- E o que é esse "completo"?

- Tem sexo oral.

Ele deixou o carro no estacionamento e foram caminhando. A noite estava fria.

- Você com esse decote aí, toma o paletó.

O homem jogou a roupa sobre os ombros dela, meio desajeitado. Conversou com a mulher que alugava o quarto e pediu algumas cervejas.

- Olha, tem televisão. - Ele observou. Deitou na cama e ligou o aparelho. Ela mecanicamente tirou a roupa. Era até bonita, a pele num tom rosado contrastando com o cabelo pintado de ruivo. Quando ele a viu sem roupa, sapato alto e curativo no nariz, disse:

- Ei, menina, venha cá. - Deixou um espaço na cama - O Fluminense está jogando, eu sou fluminense. Quer uma cerveja?

O homem, filho de imigrantes italianos, morava no Méier e era dono de uma frota de táxi. Divorciado, visitava os filhos nos finais-de-semana:

- Algum dia vou conhecer a Itália, sabe?

Ela também falou algumas coisas sobre si mesma: que gostava de roupas novas, jogar fliperama e chocolates de avelã. Era apenas uma menina. Assistiram tv e conversaram até o amanhecer.

O homem pagou o quarto, deixou o dinheiro na cabeceira da cama e foi embora. A garota nunca mais o viu. Ela saiu com a quantia como se tivesse feito um programa "completo".

issuu-downloader.com

Cultura

Patrimônio de Uberaba

Edificações inspiram consciência histórica da cidade

Criação: André Azevedo / Foto: Leonardo Bolani

UNIUBE

Proprietários de casas históricas, como esta localizada na rua Tristão de Castro, podem se valer das diversas leis de incentivo fiscal (isenção de impostos e captação de recursos) para cuidar da manutenção e preservação das edificações. Maiores informações no setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Uberaba (3333-9333)

issuu-downloader.com